

O BRIGADEIRO JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA (1774-1841)

Patrono do Instituto Geográfico do Exército



Autores: Maria Helena Dias
Instituto Geográfico do Exército

Edição: Instituto Geográfico do Exército



Alguém disse um dia, alguém importante, que o presente “É uma coisa relativa ao passado e ao futuro. / É uma coisa que existe em virtude de outras coisas existirem”. Esse alguém, em quem a alma portuguesa se deve rever, é um dos nossos maiores poetas de todos os tempos, aquele que disfarçadamente viveu sob o nome de Alberto Caeiro. Neste momento — que imediatamente se transforma em passado para dar lugar ao futuro —, evocamos aqui parte do passado longínquo do Instituto Geográfico do Exército, continuando deste modo também a perspectivar o seu futuro.

O Brigadeiro José Maria das Neves Costa, patrono do Instituto Geográfico do Exército, nasceu em Carnide no começo do último quartel do século XVIII, portanto há mais de 200 anos. Distinto oficial do Real Corpo de Engenheiros, formou-se na Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho, que fora criada pouco tempo antes. A sua vastíssima actividade desenvolve-se durante mais de 40 anos. Nela se destacará pelos seus brilhantes e inovadores trabalhos em prol da Cartografia militar. Apesar do brilhantismo da sua carreira, que todos lhe reconhecem, e embora hoje empreste o seu nome a uma rua no centro de Carnide e a uma outra em Torres Vedras, para além de uma placa evocativa nas Linhas de Torres, o país e a instituição militar foram-no, a pouco e pouco, esquecendo.



Os primeiros levantamentos de fôlego de Neves Costa começam na fronteira do Alentejo, logo nos primeiros anos do século XIX, quando é colocado na Inspeção-Geral das Fronteiras e Costas Marítimas do Reino, às ordens do marquês de Rosière. A carta que na altura constrói e desenha, e a memória que a acompanha, ficam, como outros trabalhos, em poder de Rosière. Passam provavelmente para as mãos dos engenheiros franceses, aquando da 1.ª invasão, e depois são enviadas para Paris. Talvez assim se explique o desaparecimento da carta original, já que as *Memórias...* que a acompanhavam estão actualmente nos Arquivos Históricos do Exército, em França. Ai existe também uma tradução da memória, mostrando o interesse que este trabalho deve ter despertado e que muito provavelmente serviu para os franceses prepararem as invasões seguintes. A carta extraviada é reconstruída pelo próprio 15 anos depois, a partir das suas notas de campo.



Nos princípios de 1808, Neves Costa procede a levantamentos na região de Lisboa, a pedido do

comandante do pequeno corpo de engenheiros franceses que acompanha Junot a Portugal. Na tentativa de se aproximar dos engenheiros portugueses, esse comandante escreve, logo nos princípios de 1808, a um outro oficial, Carlos Frederico de Caula, que se havia destacado nos primeiros trabalhos geodésicos realizados em Portugal sob a direcção de Francisco António Ciera. Pedes-lhe então que, sob a sua direcção, se proceda à triangulação e ao levantamento



Triangulação e levantamento topográfico da área litoral a Norte do Cabo da Roca, 1808: extractos

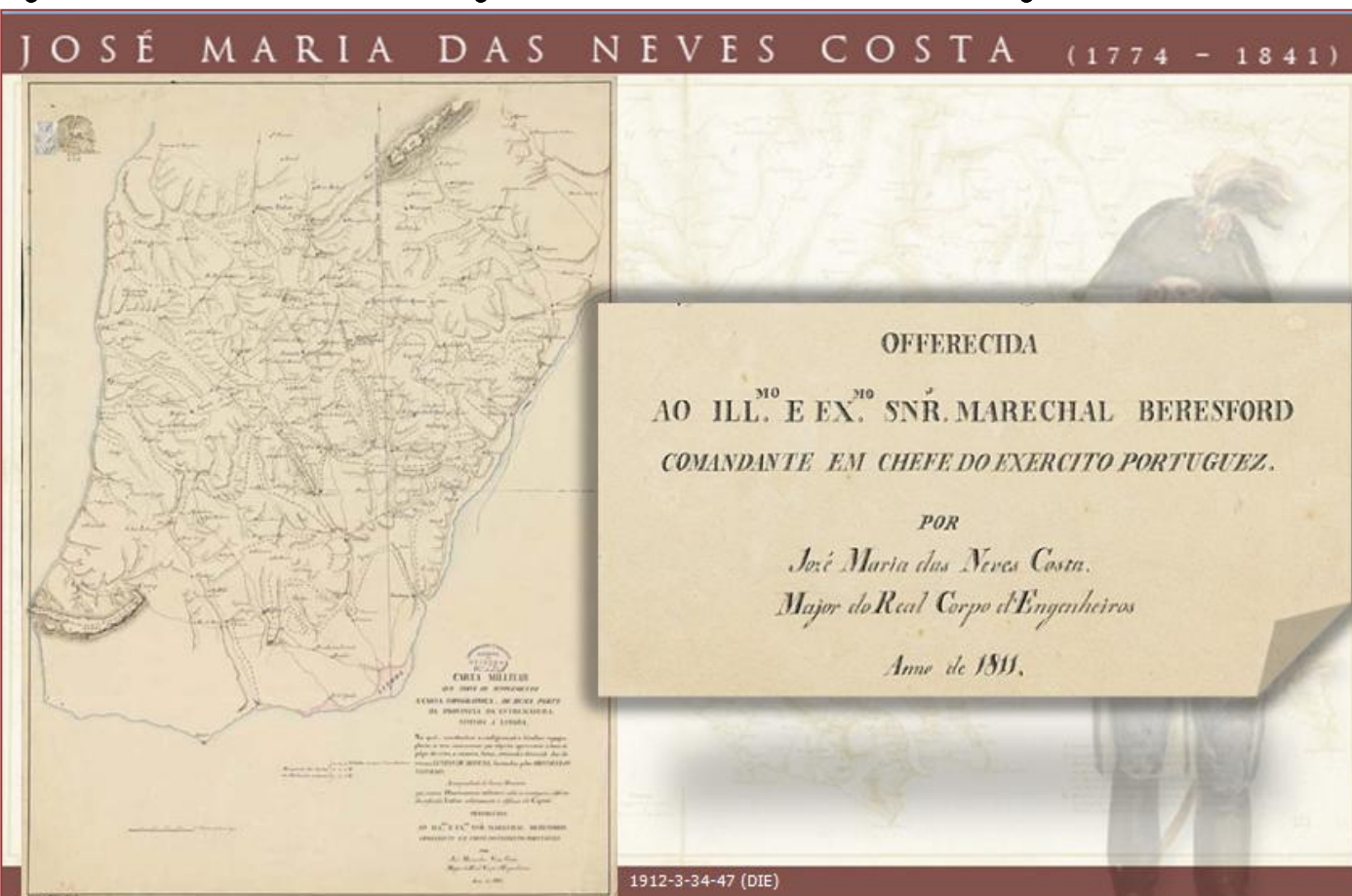
da área litoral a Norte do Cabo da Roca, com a ajuda de dois engenheiros à sua escolha. Essa escolha recaiu em Neves Costa e Xavier de Brito.

No entanto, o nome de *Neves Costa* ficará para sempre associado à carta da região de Lisboa, que na sequência dos trabalhos anteriores ele próprio propõe ao governo e levanta imediatamente a seguir, carta esta que, acompanhada de uma *Memória militar...*, terá levado à construção das Linhas de Torres, feita sob a direcção de Wellington, e à expulsão dos franceses. A polémica que desde logo se instala a propósito da ideia original destas Linhas, que os ingleses sempre pretenderam sua, acabará por trazer graves contrariedades à carreira militar do Major *Neves Costa*. Depois de ter sido promovido a este posto de Major em 1807, esperará 13 anos pela subida a Tenente-Coronel e, no mesmo ano, a Coronel – ou seja, esperará a saída do todo-poderoso *Marechal Beresford* que até 1820 comandará o Exército português.



Esboço da carta itinerária militar que contém a topografia do terreno de uma parte da província da Estremadura, 1809-1810

Dos quatro oficiais indigitados inicialmente para completar o levantamento da região de Lisboa, pouco tempo depois só fica a trabalhar Neves Costa, a quem se deve o reconhecimento dos terrenos e a construção e desenho dos detalhes topográficos. Mesmo Carlos Frederico de Caula, que executa as triangulações, é afastado logo no início para outras actividades. Depois da carta levantada, e já no Arquivo Militar, ao esboço concluído nos princípios de 1809 por Neves Costa, adicionam-se outras informações: assim nasce o *Esboço da carta itinerária militar*, que se encontra hoje na posse da Direcção de Infra-Estruturas do Exército. A partir daqui o próprio Neves Costa desenha depois uma versão simplificada, aquela que injustamente ainda hoje se mostra como se fosse a carta original, e que oferece em 1811 ao Marechal Beresford, na sua qualidade de comandante do Exército português. Em 1814 retoma a memória, comparando as posições que apontara antes com as fortificadas depois pelos ingleses, sob as ordens de Wellington, mostrando as suas grandes similitudes.



Carta militar que serve de suplemento à carta topográfica de uma parte da província da Estremadura vizinha a Lisboa, 1811

Mas Neves Costa dizia continuamente que era necessário melhorar esta carta, tão rapidamente levantada em 3 meses. Mas 30 anos depois continua a lastimar-se que nada fosse feito pelas autoridades portuguesas e que ambas, carta e memória, tivessem sido separadas uma da outra, sem que alguém tivesse tido a curiosidade de as consultar para saber, como ele próprio afirma, “(...) se é verdade que foi um Português, e não um Estrangeiro, que primeiro fez a indicação das sobreditas posições e, por consequência um serviço à sua Pátria, que não só os Estrangeiros, porém muitos dos mesmos Portugueses, ainda hoje ignoram, e de que alguns chegam a duvidar!”.

Os levantamentos da região de Lisboa sucedem-se, depois das invasões francesas, os da área imediatamente a sul, que conduzem às 4 folhas da *Carta topográfica militar da Península de Setúbal*. Os trabalhos decorrem entre 1813 e 1816 e, neste período de tempo, Neves Costa conta apenas com ajudas pontuais. À carta junta Neves Costa uma memória, para maior utilidade. Cinquenta anos volvidos, a carta é finalmente impressa mas a memória permanece manuscrita e ainda mais ignorada do que a imagem que lhe está subjacente. A *Carta topográfica militar da Península de Setúbal* é, sem sombra de dúvida, a melhor de todas as suas realizações.

JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA (1774 - 1841)



carta manuscrita, 1816

**Carta
topográfica
militar da
Península de
Setúbal:
extractos**

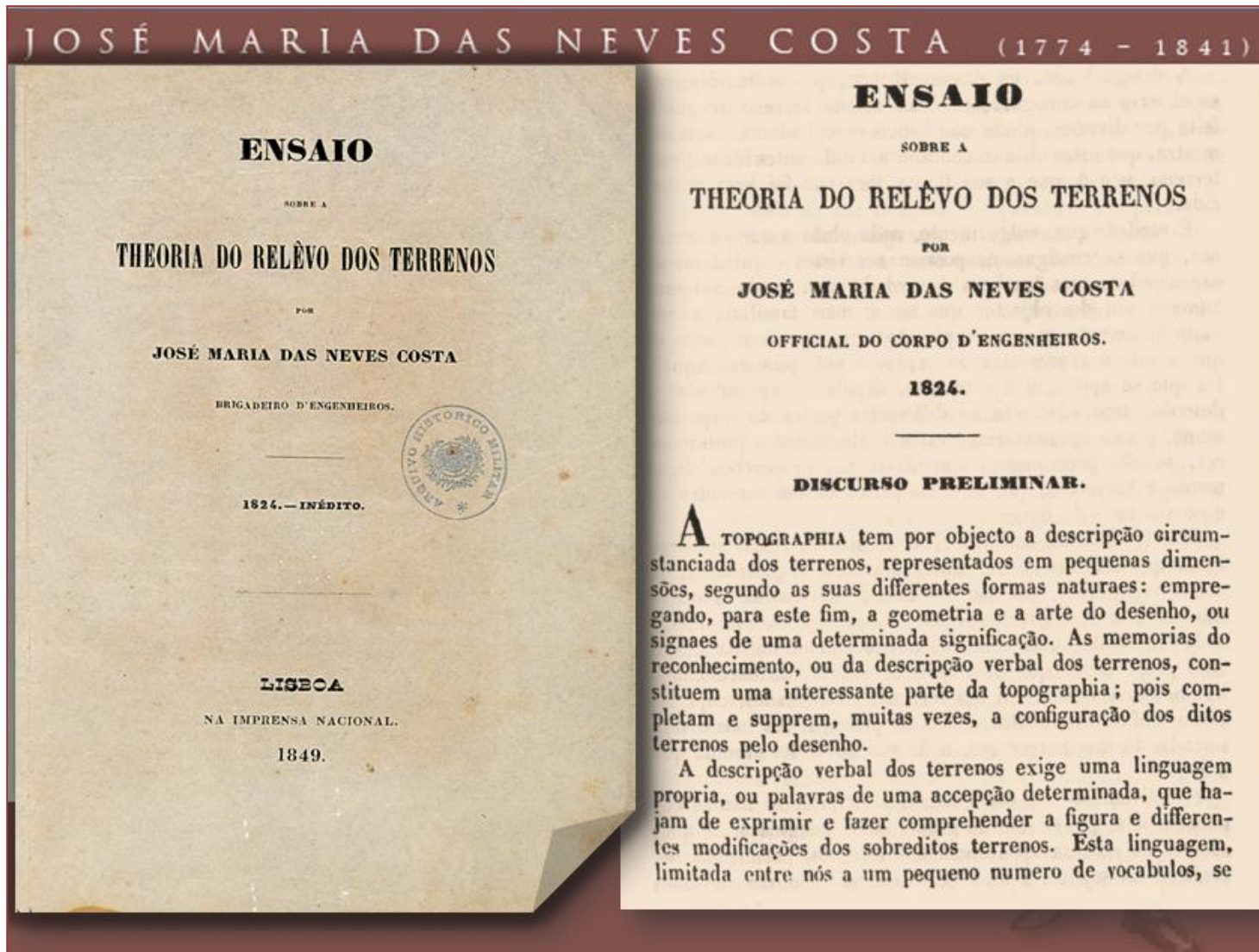


carta impressa, 1861



Carta Militar de Portugal, IGeoE, 1994

O estudo das formas do relevo e a sua representação é outro tema brilhantemente tratado por Neves Costa, mas que acabaria quase ignorado. Este assunto é de tal forma importante à época, mas complexo, que este oficial tenta estabelecer, baseando-se provavelmente nos trabalhos franceses e sobretudo na sua própria experiência de campo, uma teoria sobre a organização do relevo terrestre. Começa a delinear o seu *Ensaio...*, a título particular, na década de 1810, enquanto prepara indicações para a uniformização das escalas dos levantamentos militares portugueses, mas só o concluirá passados 10 anos. Na posse dos herdeiros, o manuscrito será mais tarde comprado pelo governo português e publicado, o que parece mostrar ter sido desconhecido até essa altura, ou seja, até meados de Oitocentos.



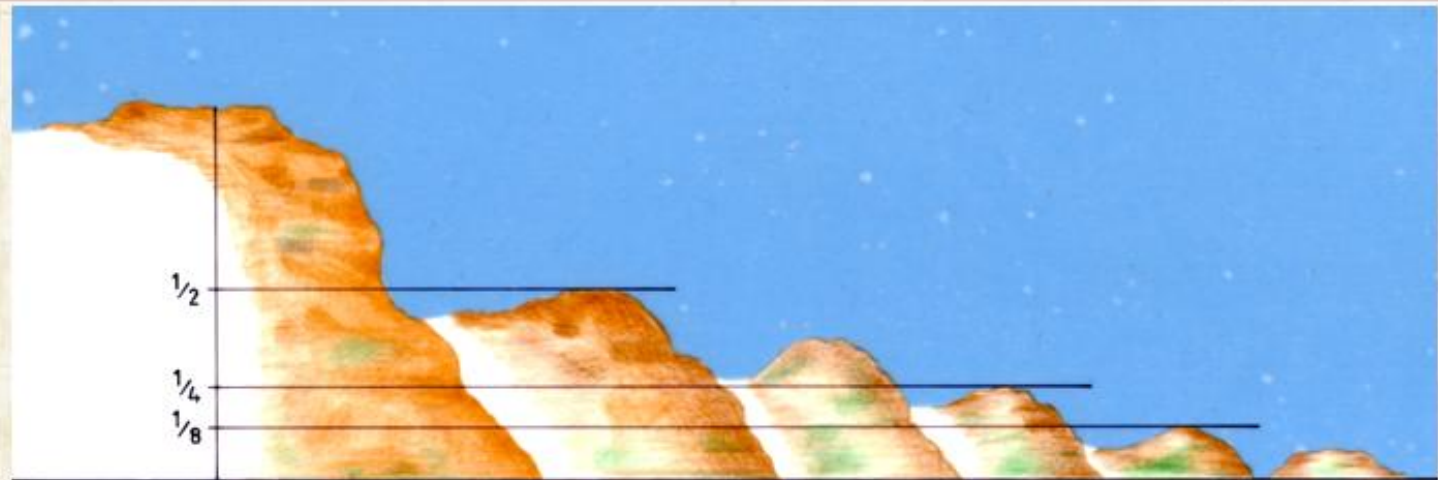
Na realidade, o conhecimento e a imagem do relevo são fundamentais para os militares desta época. Mas, em 1824, quando Neves Costa termina este trabalho, só é ainda conhecida a altura aproximada de uma centena de pontos altos em Portugal, que mostram, por exemplo, que a Serra do Soajo domina o território nacional, relativamente à Serra da Estrela, tendo mais 1000 metros do que actualmente lhe são atribuídos. E as modernas



ra da Estrela, tendo mais 1000 metros do que actualmente lhe são atribuídos. E as modernas

curvas de nível só aparecerão nas cartas portuguesas em 1861. Os militares desta época regulam-se, portanto, apenas pela ideia da grandeza relativa. É a tarefa de exprimir, no campo e à vista, a multiplicidade das formas do terreno, coloca inúmeras dificuldades, tanto de desenho como de descrição do que se observa. Daí a importância deste trabalho teórico de Neves Costa, que reflecte também a sua grande experiência profissional.

JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA (1774 - 1841)



<u>Relevo de 1ª classe</u>	<u>Relevo de 2ª classe</u>	<u>Relevo de 3ª classe</u>
Montanhas Cerros Serras Cordilheiras (segundo a sua extensão longitudinal)	Cabeços grandes, ordinários ou pequenos (pela altura) Cumeadas relevadas, fortes e vivas (cumeadas correspondentes com maior extensão)	Outeiros (ou eminências) e montículos (pela altura) Cumeadas baixas e rasteiras (cumeadas correspondentes com maior extensão)

adaptado por Maria Helena Dias, com desenho de José Peres

Designação das formas do relevo segundo o *Ensaio...*, 1824

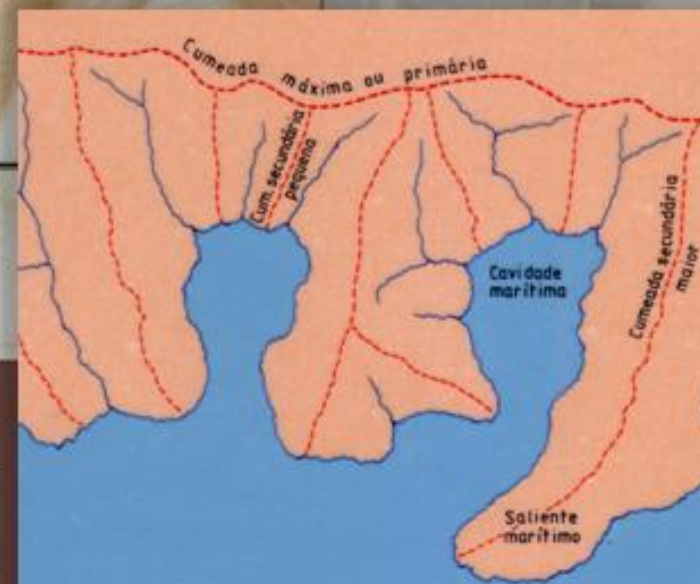
designações dos topos



designações das 'inflexões'

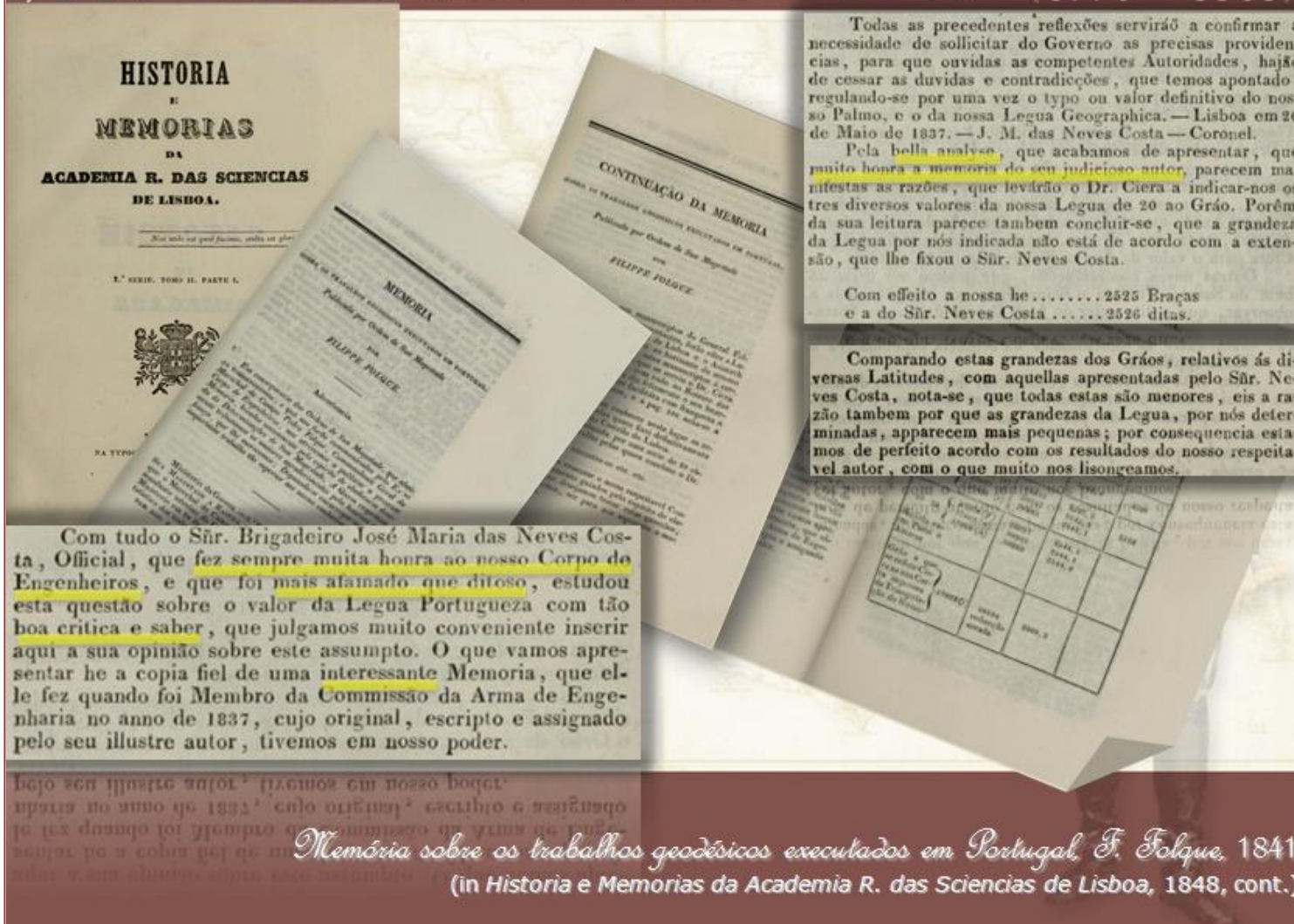


adaptado por Maria Helena Dias, com desenho de José Peres



**Formas do relevo vistas no sentido vertical e horizontal
segundo o *Ensaio...*, 1824**

JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA (1774 - 1841)



Escreve ainda, em 1837, uma memória em que se atreve a discutir o valor atribuído à légua portuguesa pelo matemático e astrónomo Francisco António Ciera, que havia iniciado, em 1790, os trabalhos geodésicos em Portugal. Reproduzida por Filipe Folque, na sua Memória sobre os trabalhos geodésicos executados em Portugal, de 1841, este General refere-se aí a Neves Costa como um official que “fez sempre muita honra ao

nosso Corpo de Engenheiros” mas que “foi mais afamado que ditoso”. Sobre o trabalho em questão diz ser “interessante” e uma “bela análise”, ter estudado o assunto “com boa crítica e saber”, o que “muito honra a memória do seu judicioso autor”.

O último trabalho de Neves Costa, quando já está reformado, é-lhe pedido pelo governo em 1838: examinar os documentos topográficos existentes no Arquivo Militar e propor os que fossem ainda necessários a um plano de defesa do País. Este Arquivo, que Neves Costa bem conhece porque nele trabalhara por diversas vezes, havia sido criado em 1802. Lá se guardavam os documentos e instrumentos relativos àquele Corpo, e aí também se executavam e copiavam cartas e memórias. Redige então umas *Considerações militares...*, que são



essencialmente uma exposição das necessidades do conhecimento topográfico das áreas do território nacional mais sujeitas a invasões. Mas, no final, Neves Costa reflecte sobre a Topografia e o modo de a melhorar. Nesta altura o termo Cartografia não existia ainda. Lá propõe a organização destes trabalhos numa Repartição de Topografia Militar, cuja organização e objectivos discute. Propõe ainda a introdução de normas que uniformizem os levantamentos e o desenho das cartas. Ao longo de quase uma centena e meia de páginas, salienta constantemente a situação de abandono da

Cartografia topográfica militar, resultante da falta de oficiais portugueses preparados e do pouco estímulo que lhes era dado, por não conseguirem ascender aos postos superiores da hierarquia militar. Para acompanhar as

suas *Considerações...*, prepara um esboço de uma carta de Portugal, em que apresenta uma nova imagem das principais formas do relevo português, sombreando-as de forma sugestiva.



4061-2A-29-41(DIE)

Minuta de uma carta do Reino de Portugal.

1840

O quadro da Cartografia portuguesa traçado neste trabalho dos anos 40 do século XIX é claramente sombrio. Por não existirem também cartas itinerárias para a deslocação das tropas, *Neres Costa* é ainda encarregado de propor normas para a sua rápida execução. Daí resulta um outro trabalho seu, contendo 29 regras sobre o que deve ser feito para o levantamento da Carta Itinerária Geral do Reino.

JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA (1774 - 1841)

“a irregularidade das escalas embaraça conhecer prontamente a extensão dos terrenos comparando as diferentes cartas que os representam”

Menor do que 1:100 000	1:100 000	1:50 000	1:25 000	1:5 000 ou 1:1 000
Mapa corográfico ou geográfico	Mapa topográfico resumido	Mapa topográfico vulgar	Mapa topográfico detalhado	Mapa de posições avulsas (plantas)
escalas da Corografia e da Geografia		escalas da Topografia		

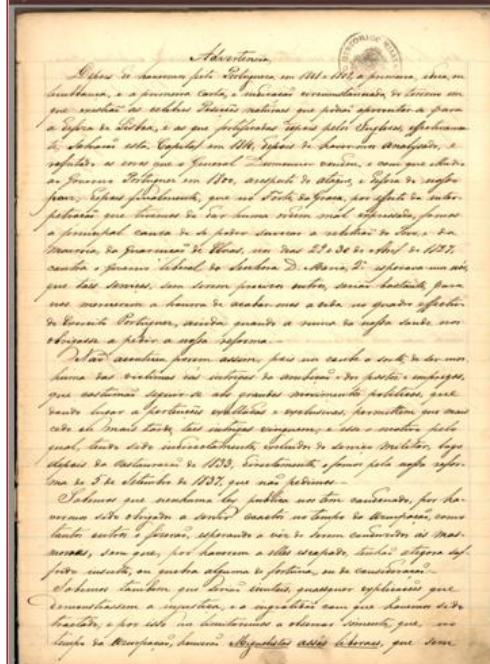
Normalização das escalas das cartas, segundo *Considerações militares...*, 1841

O releante papel de Neres Costa reflecte-se também em muitas outras comissões e trabalhos, nos quais se pronuncia sobre assuntos como a defesa nacional ou outros do foro não geográfico, aos quais empresta a sua visão de cartógrafo e o seu conhecimento de campo. Contesta, desassombradamente, opiniões de Generais estrangeiros ilustres, que os responsáveis portugueses escutam e veneram, mas que desvirtuam a instituição. É eleito deputado e, ainda, nomeado para Ministro da Guerra, mas, restaurado o governo absolutista, não chega a ocupar o cargo. Como técnico competente, ele consegue atravessar as difíceis vicissitudes políticas dos começos de Oitocentos mas é por elas fortemente penalizado. E, apesar da brilhante e diversificada actividade profissional, esta não lhe trará as promoções merecidas; antes, amarguras.

Aos 67 anos de idade, morre em Lisboa. Morre doente, mas morre também vitimado por invejas e injustiças, de que tão pródiga é sempre a nossa sociedade para com todos aqueles que se destaquem pelo seu valor. Morre sem conhecer qualquer demonstração pública de apreço, apenas a imposição de uma pobre condecoração, a que o tempo de serviço a todos dá por direito.

Recordemo-lo aqui nalgumas das suas últimas palavras escritas . Dizia ele:

“Depois de havermos feito portuguesa, em 1808 e 1809, a primeira ideia ou lembrança, e a primeira carta e indicação circunstanciada do terreno, em que existiam as célebres posições naturais que podiam aproveitar-se para a defesa de Lisboa, e as que fortificadas depois pelos Ingleses, efectivamente salvaram esta capital em 1810; depois de havermos analisado e refutado os erros que o General Dumouriez vendeu, e com que iludiu o Governo Português em 1800, a respeito do ataque e defesa do nosso país; depois, finalmente, que no Forte da Graça (...) fomos a principal causa de se poder sufocar a rebelião do Povo, e da maioria da guarnição de



"Depois de havermos feito portuguesa, em 1808 e 1809, a primeira ideia ou lembrança, e a primeira casta e indicação circunstanciada do terreno, em que existiam as celebres posições naturais que podiam aproveitar-se para a defesa de Lisboa, e as que fortificadas depois pelos Ingleses, efectivamente cobriam esta capital em 1810; depois de havermos analisado e referido as obras que o General Demoussiez sendeu, e com que illustrou o Posiçoes Portuguezas em 1800, a respeito da ataque e defesa da nossa patria; depois, finalmente, que no Forte da Graça (...) fomos a principal causa de se poder soffocar a rebelião do Porto, e da maioria da guarnição de Elvas, (...) contra o governo liberal da Senhora D. Maria 2.ª; esperavámos nós, que tais serviços, sem serem precisos outros, seriam bastante para nos merecerem a honra de acabarmos a vida no quadro effectivo do Exército Portuguez (...)."

Não aconteceu porém assim, pois nos coube a sorte de sermos uma das vítimas das intrigas da ambição e dos postos, e empregos, que costumam seguir-se aos grandes movimentos politicos (...); e esse o motivo pelo qual, tendo sido indirectamente excluido do serviço militar logo depois da restauração de 1833, directamente o fomos pela nossa reforma (...), que não pedimos."

Considerações militares...

1841

Elvas, (...) contra o governo liberal da Senhora D. Maria 2.ª; esperavámos nós, que tais serviços, sem serem precisos outros, seriam bastante para nos merecerem a honra de acabarmos a vida no quadro effectivo do Exército Portuguez (...).

Não aconteceu porém assim, pois nos coube a sorte de sermos uma das vítimas das intrigas da ambição e dos postos, e empregos, que costumam seguir-se aos grandes movimentos politicos (...); e esse o motivo pelo qual, tendo sido indirectamente excluido do serviço militar logo depois da restauração de 1833, directamente o fomos pela nossa reforma (...), que não pedimos."

Recorde-se, finalmente, que, há mais de um século e meio, este brilhante oficial engenheiro propôs ao governo, já à beira da morte, que se criasse uma Repartição de Topografia Militar para organizar adequadamente os trabalhos, o que só se veio a concretizar quase um século depois, com o aparecimento dos Serviços Cartográficos do Exército em 1932. E a melhor forma do Exército português o homenagear será dar o seu exemplo aos vindouros, redimindo os erros do passado ao fazer a justiça devida ao Brigadeiro

José Maria das Neves Costa.

